APRESENTAÇÃO

A expressão “nova (des)ordem global”, que dá título ao XVI Colóquio Nacional e IV Colóquio Internacional do Museu Pedagógico, realizado pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), remete a uma das questões fundamentais para a compreensão do nosso tempo: as transformações nas relações de poder, as formas contemporâneas de autoritarismo e as resistências que se constituem diante delas. Longe de representar uma ruptura absoluta com o passado, o século XXI atualiza contradições históricas, reorganiza antigas estruturas de dominação e produz novas configurações de conflitos, disputas e antagonismos sociais.

A expressão “nova ordem global”, tão recorrente desde o final da Guerra Fria, talvez nunca tenha sido tão inadequada quanto no presente. O que se apresenta não é propriamente uma ordem estável, assentada em princípios compartilhados e relações equilibradas entre Estados e sociedades, mas uma dinâmica contraditória de reorganização do poder, atravessada por crises econômicas, disputas geopolíticas, aprofundamento das desigualdades, recrudescimento de práticas autoritárias e questionamentos à própria legitimidade das instituições políticas. Trata-se, antes, de uma **(des)ordem**, na qual as tentativas de recomposição da hegemonia convivem com processos de desagregação, conflitos e resistências que desafiam os projetos dominantes.

Nesse cenário, o autoritarismo não pode ser compreendido como simples sobrevivência de experiências políticas pretéritas, tampouco como fenômeno exterior às estruturas das sociedades contemporâneas. Suas manifestações atuais articulam heranças históricas, interesses de classe, disputas ideológicas e mecanismos de produção do consenso, combinando coerção, mobilização política e construção de inimigos sociais. A ascensão de forças de extrema-direita, a disseminação de discursos antidemocráticos, a naturalização das desigualdades e a persistência de distintas formas de violência revelam que as contradições da democracia liberal não se encontram dissociadas das relações sociais que sustentam a ordem capitalista.

Compreender essas dinâmicas exige, entretanto, ir além do diagnóstico das crises e dos mecanismos de dominação. Se a história é atravessada por relações assimétricas de poder, ela também se constitui por conflitos, mobilizações e práticas coletivas que confrontam as formas instituídas de exploração e opressão. As resistências, em suas múltiplas expressões — políticas, sociais, culturais, intelectuais e educativas —, evidenciam que a reprodução da ordem jamais se realiza sem tensões, contestação e possibilidades de transformação. Investigar tais experiências significa reconhecer os sujeitos históricos não apenas como objetos das estruturas de poder, mas também como agentes de sua reprodução, contestação e superação.

É nesse horizonte que se inscrevem os trabalhos reunidos nestes anais. Resultado do encontro e do diálogo entre pesquisadores, docentes, estudantes e demais integrantes da comunidade acadêmica, esta publicação expressa a pluralidade de abordagens, objetos e perspectivas que caracteriza a produção do conhecimento científico. Os textos aqui reunidos contribuem, cada qual a partir de seus problemas e recortes específicos, para a reflexão sobre os processos históricos que conformam o presente, suas determinações, seus conflitos e as possibilidades de resistência que nele se manifestam.

A diversidade temática e metodológica dos trabalhos constitui uma dimensão fundamental desta coletânea. Mais do que oferecer respostas definitivas às questões suscitadas pela conjuntura contemporânea, os anais procuram ampliar o campo de problemas, confrontar interpretações e estimular o debate crítico. A universidade pública, nesse sentido, reafirma seu compromisso com a produção e a socialização do conhecimento, compreendidas como práticas socialmente situadas e indispensáveis à análise das contradições do mundo em que vivemos.

Ao promover mais uma edição de seu Colóquio Nacional e Internacional, o Museu Pedagógico da UESB reafirma, assim, sua vocação de espaço de investigação, interlocução e circulação de ideias. Em um contexto no qual o pensamento crítico é frequentemente confrontado por negacionismos, obscurantismos e tentativas de subordinação do conhecimento a interesses particulares, preservar e ampliar os espaços de debate acadêmico constitui também uma forma de resistência.

Que esta publicação contribua, portanto, para a compreensão histórica da nova (des)ordem global, para o desvendamento das bases materiais e ideológicas dos autoritarismos contemporâneos e para o reconhecimento das múltiplas formas pelas quais sujeitos e coletividades enfrentam as estruturas de dominação. Afinal, se as condições do presente não podem ser compreendidas sem o exame crítico de suas determinações históricas, tampouco o futuro está previamente definido: ele permanece em disputa, inscrito nas contradições da realidade e nas possibilidades concretas de sua transformação.

José Rubens Mascarenhas de Almeida
Editor Responsável